

Novos senadores não dão maioria ao governo

A composição do novo Senado também continua indefinida. Às vésperas da renovação de um terço da casa, alguns estados ainda assistem a uma briga pelas vagas em disputa. A posição do governo Collor não é exatamente confortável. Os partidos conservadores, ao que tudo indica, ficarão com a maioria das cadeiras — mas isso não significa um apoio imediato ao presidente. As questões regionais parecem mobilizar candidatos e eleitores, resultando no distanciamento dos próximos senadores em relação ao governo — e também à oposição. Entre os grandes estados, apenas São Paulo mostra uma polarização entre candidatos claramente identificados com Collor e com a oposição: Eduardo Suplicy, do PT, está com 23% das intenções de voto na última pesquisa do DataFolha, enquanto Ferreira Neto, do PRN, caminha um ponto percentual atrás.

No Rio, o governo pode contar com um nome certo na oposição, o do escritor Darcy Ribeiro, do PDT. Com 40% das

intenções de voto, Darcy segue colado na fulminante votação do seu candidato a governador, Leonel Brizola, e encontra-se bem distante do segundo colocado, o advogado Técio Lins e Silva, do PSDB, que apresenta um índice de 14%. Na oposição moderada ao presidente devem atuar o ex-governador Pedro Simon, do PMDB, que lidera com folga a eleição no Rio Grande do Sul, e o vencedor da acirrada competição cearense entre Paes de Andrade, do PMDB, e Bení Veras, do PSDB. Apenas três pontos separam os dois. O candidato tucano, no rastro da campanha de Ciro Gomes, o provável governador do Ceará, subiu 100% em dois meses, abalando a posição antes confortável de Paes, o candidato dos tradicionais coronéis do estado.

Derrotas — O PRN do presidente deve conhecer algumas derrotas na eleição para o Senado. Em Alagoas, base eleitoral de Fernando Collor, o favoritismo de seu candidato a governador, Renan Calheiros, não se transferiu para Francisco Rocha

Melo, candidato a senador. Guilherme Palmeira, do PFL, concorre à reeleição com melhores chances: está com 54% das intenções de voto, contra 19% do adversário. No Paraná, Tony Vieira, do PRN, está empatado com Maurício Fruet, do PMDB, na segunda colocação, com 14%. Na liderança, com vários corpos de vantagem, surge o banqueiro José Andrade Vieira, do PTB, uma incógnita política. A indefinição é marca da eleição para o Distrito Federal, onde o PT e o PTB disputam uma vaga, e em Minas. No Amapá, parece certo que o ex-presidente Sarney, com verniz de oposição, voltará para Brasília.

O cientista político Marcus Figueiredo leva em consideração a provável formação do novo Senado para assegurar que esta eleição deve aprofundar a crise do Congresso. “Teremos um Senado centrista, talvez mais conservador do que o atual é, infelizmente, mais fisiológico”, afirma. “Isso pode fazer com que o Legislativo

torne-se uma presa ainda mais fácil do Executivo”. Fernando Henrique Cardoso, por outro lado, acredita que as urnas não trazem boas notícias para o governo. “Embora conservador, o Senado terá reforçada a sua maioria não *collorista*”, diz. Revendo a atuação dos senadores, ele não identifica qualquer momento onde eles atuaram em bloco. “O Senado é indefinido”, explica. Segundo Marcus, esta indefinição aumenta a crise de legitimidade do Congresso. “Os políticos estão desmoralizando a democracia”.

* Participaram: Helena Daltro (Brasília) e Paulo Buscato (São Paulo)
